

É a bola de neve rolou...

NELSON BARROS NETO

nbarros@grupootarde.com.br

No dia seguinte ao desabamento de uma laje de 0,8 x 5 m, quando sete pessoas morreram e outras tantas ficaram feridas, a expressão "tragédia anunciada" quase virou senso comum para se referir ao acontecimento daquele 25 de novembro. A frase partiu até mesmo do chefe do Ministério Público Estadual, procurador Livaldo Britto, e só fez ganhar corpo após o parecer dos órgãos de vistoria competentes.

Tanto o Departamento de Polícia Técnica quanto o Conselho Regional de Arquitetura e Engenharia da Bahia (Crea) apresentaram laudo condenando a falta de conservação da praça esportiva. Para a promotora Joseane Suzart – que 23 meses antes já havia cobrado a interdição do local –, tal qual uma brincadeira de batata quente, os problemas estruturais do estádio estariam sendo empurrados de uma administração para outra.

A responsabilidade deveria ser repartida entre os governantes "dos últimos 50 anos", chegou a dizer. Exagero? Pois não é o que se conclui a partir de uma análise histórica das publicações sobre o tema Fonte Nova desde a sua reinauguração, em 1971.

PREVISÃO – Chamada de capa da revista *Placar*, por exemplo, já evidenciava a questão cerca de duas décadas atrás. Ao lado da Vila Belmiro, em Santos, e do Canindé, em São Paulo, o Octávio Mangabeira aparecia como um dos estádios brasileiros ameaçados por uma tragédia.

Quis o destino que, além de destacar o clássico Bahia x Inter como o maior do País, dado que se repetiria pela sexta vez em 71 dias (na ocasião, decidindo vaga para as semifinais da Libertadores), estampava-se uma foto do então meia Bobô, recém-contratado pelo São Paulo, hoje diretor-geral da Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia (Sudesb). Dezenove anos depois, ele é justamente um dos acusados pelo MP como um dos culpados pelo recente desastre.

"A torcida corre perigo e não sabe", escreveu sobre a Fonte Nova a "vidente" reportagem de 28 de abril de 1989. O motivo do alerta foi a centena de ingleses mortos no Estádio de Sheffield, semanas antes, graças a tumultos ocorridos durante um Liverpool x Nottingham Forest.

Arquiteto encarregado da manutenção da praça esportiva metropolitana, Manoel de Mattos reconhecia, desde lá: "O projeto prevê a evacuação do estádio em 14 minutos, mas, na atual situação, isso não seria feito nem em meia hora". Na seqüência, a matéria enumera os problemas de

estrutura, com ferragens expostas, enferrujadas e retorcidas em diversos pontos, numa frase que poderia ter sido encontrada em qualquer das perícias realizadas depois do fatídico empate sem gols entre Bahia e Vila Nova.

Por fim, relembra o episódio da superlotação de 4 de março de 71, quando dados oficiais apontaram 2 mil feridos e "apenas" três mortos por conta do medo generalizado de um desabamento no local. A revista, entretanto, não titubeia e garante que a ditadura do general Emílio Garrastazu

Medici, que também estava no estádio, ocultou os verdadeiros números do ocorrido.

BATEAU MOUCHE – A mesma *Placar*, aliás, já havia denunciado mazelas do Octávio Mangabeira em sua edição de 17 de fevereiro de 89, logo após o triunfo de vitória do Bahia em cima do Fluminense, na partida que registrou o recorde de público da arena de Nazaré. "Poderia ter acontecido uma tragédia", admitiu o diretor-geral da Sudesb na época, o falecido Deusdete Santana.

Irritado, Santana não se esquivou de acusar o então presidente da Federação Bahiana de Futebol, Marcos Andrade, de "irresponsável" por transbordar o estádio de gente pensando apenas nos lucros da bilheteria. O papel de vilão neste quesito, agora, pertence ao presidente tricolor Petrônio Barradas – não encontrado pela reportagem para comentar o assunto.

O naufrágio do barco "Bateau Mouche" no réveillon carioca de 88 serviu como comparação. "Mas nem esse desastre ancorou

a onda de irresponsabilidades no Brasil. A Fonte Nova recebeu domingo passado 110.432 pagantes – uma platéia total projetada em 130.000, sendo que a sua capacidade é de 82.500 pessoas”.

MÁ-EDUCAÇÃO – No dia 30 de agosto de 82 era o jornal A TARDE quem chamava a atenção para o estado de conservação da praça esportiva. “Fonte Nova: Um mundo de problemas para o futebol”, intitulou.

Entre os pontos criticados, estavam “o desgaste do sol e das chuvas sempre destruindo cadeiras e outras instalações, muros facilmente vulneráveis aos ‘penetras’ e as juntas de dilatação, proporcionando um eterno problema de goteiras e vazamentos”. Diretor da extinta Vila Olímpica da Bahia (VOB), antecessora da Sudesb, Thomas de Aquino Queiroz argumentava que “por mais fiscalização que se faça, há sempre deficiências”.

A culpa pela sujeira, de acordo com Queiroz, era da falta de educação do público. “Os prepostos da empresa trabalham a noite toda, entrando pelo dia, não só removendo todo o lixo como lavando todos os sanitários, deixando-os limpos e desodorizados. Acontece que, logo os portões são abertos e o público começa a entrar, vai surgindo a sujeira. Muitos levam roletes de cana, laranja, amendoim e outros objetos e lá atiram os bagaços e cascas por todo o canto”.

SILÊNCIO – Perguntado se concordava que a questão da Fonte Nova se tratava de uma bomba-relógio, o atual superintendente do órgão, Bobô, preferiu não aumentar a polêmica. Em meio ao furacão a que adentrou no final de 2007, declarou que aguarda maiores informações abalizadas antes de opinar.

“Não sei o que dizer a respeito. Vou esperar todos os laudos para que possa ter uma certeza e falar. Mas o fato de se abordar isso já é uma coisa positiva. Mais à frente prometo falar de uma forma mais contundente”, frisou. O depoimento do ex-craque à delegada que investiga a tragédia, no dia 18 de dezembro, foi o mais longo do inquérito policial.